

Projetos educativos participativos na Educação de Infância

A Fabulação Infantil como metodologia com crianças dos 3 aos 5 anos

Conceber
Participar
Transformar



PENSAR

→ CONCEBER

→ FAZER

→ AVALIAR
E REFLETIR

Dhemy Brito, Fernanda Magalhães, Carlos Campos,
José Gabriel Andrade e Maria do Carmo Ribeiro

Universidade do Minho
2026

APRESENTAÇÃO

Conceber um projeto educativo com crianças pequenas é muito mais do que organizar um conjunto de atividades. Um projeto nasce de uma realidade que procuramos compreender, implica opções e intencionalidades, transforma-se num percurso de ação e exige acompanhamento, reflexão e avaliação. Quando as crianças participam nesse processo, projetar significa também criar condições para que as suas experiências, perguntas, ideias e formas de expressão possam influenciar aquilo que se constrói.

Este livro pedagógico apresenta a Fabulação Infantil como uma metodologia participativa de conceção, gestão e avaliação de projetos educativos com crianças dos 3 aos 5 anos. A proposta foi desenvolvida a partir da experiência do projeto Património Vivo para a Infância, realizado nas Termas Romanas de Braga, e articula conhecimentos e práticas da Pedagogia da Infância, da Sociologia da Infância e das metodologias participativas, com uma proposta metodológica concreta, exemplificada com situações reais, registos e produções das crianças.

Mais do que reproduzir uma experiência, interessa-nos compreender a arquitetura pedagógica que a tornou possível. Por isso, o livro acompanha os diferentes momentos da conceção, gestão e avaliação de um projeto: do diagnóstico e da definição de intencionalidades ao planeamento, implementação e acompanhamento, passando pela avaliação e pela divulgação. Em cada etapa, evidenciam-se as formas de participação das crianças e as relações que se estabelecem entre adultos e crianças, bem como os desafios, aprendizagens e ajustes que emergem ao longo do processo.

A Fabulação Infantil é discutida em diálogo com contributos da Pedagogia da Infância, da Sociologia da Infância e das metodologias participativas, articulando-os com dois conceitos que atravessam este livro: polifonia e autoria social infantil. O primeiro ajuda-nos a pensar as relações dialógicas entre adultos e crianças; o segundo destaca a presença efetiva das crianças como autoras do processo, reconhecendo-lhes competências para produzir interpretações, decisões e compreensões próprias que têm consequências no desenvolvimento do projeto.

Assim, este não é um livro de receitas. É um livro para pensar, planear, viver e transformar projetos educativos com crianças.

“ O que muda num projeto educativo quando as crianças não são apenas participantes, mas também autoras do processo? ”

Abordagem metodológica: investigação-ação participativa com crianças

Esta proposta assenta numa abordagem de investigação-ação participativa com crianças, desenvolvida a partir do projeto Património Vivo para a Infância, realizado nas Termas Romanas de Braga. Trata-se de uma metodologia construída e testada no terreno, em estreita colaboração com as crianças, a equipa educativa, as famílias e a comunidade, que foi sendo ajustada ao longo do processo.

Em vez de partir de uma teoria abstrata ou de um modelo previamente definido, a metodologia emerge da prática, da escuta atenta e do diálogo contínuo com as crianças. Elas não foram apenas consultadas sobre o que gostariam de fazer, mas participaram ativamente na condução de todas as etapas do projeto, contribuindo para a identificação dos temas, a definição das questões, a exploração de soluções, a organização das atividades, a produção de materiais e a avaliação das experiências. O projeto foi, assim, construído com as crianças e não apenas para elas.

A investigação-ação participativa permite articular, de forma dinâmica e flexível, a produção de conhecimento com a ação educativa, num processo cíclico de observação, planificação, implementação, reflexão e reformulação. Neste livro, a investigação não se limita a observar as crianças, mas procura criar condições para que elas sejam protagonistas na definição dos problemas, na experimentação de caminhos, na tomada de decisões e na construção de significados sobre as suas próprias experiências.

Esta abordagem enquadra-se nas metodologias participativas em educação de infância, valorizando a escuta, o diálogo, a criatividade, a documentação e a reflexão conjunta, e reconhece as crianças como sujeitos de direitos e como produtoras de cultura, conhecimento e participação social. A metodologia revela-se, assim, sensível aos contextos e às especificidades de cada grupo, abrindo espaço a ajustamentos constantes e a novas possibilidades, que podem inspirar outros profissionais a desenvolverem projetos educativos verdadeiramente participativos com crianças.

*“ Este livro apresenta uma metodologia
construída com as crianças, no terreno,
e não apenas sobre as crianças. ”*

A group of children wearing yellow and green shirts and yellow and purple hats are sitting on a construction site, surrounded by stacks of bricks. They are looking towards a large white speech bubble that contains the title.

PARTE I PENSAR

Antes
de fazer,
precisamos
pensar.

Projetar com crianças começa com perguntas.
Como concebemos a infância? Que lugar damos às crianças
no processo educativo? Que relações pretendemos construir
entre adultos e crianças? Que possibilidades reais de tomada
de decisão queremos promover?



Que criança
imaginamos?



O que entendemos
por participação?



Que relação
queremos construir
entre adultos
e crianças?

1.

A criança na Pedagogia da Infância

A criança como participante da ação pedagógica

A Pedagogia da Infância tem vindo a afirmar uma compreensão da criança como sujeito competente, curiosa, ativo e participante da vida educativa. Em vez de conceber a criança apenas como destinatária de atividades, esta perspectiva convida-nos a pensar contextos educativos nos quais as crianças possam interagir, explorar, expressar-se e construir significados em relação com outras crianças, com os adultos e com o mundo que as rodeia.

Autores como Oliveira-Formosinho e Formosinho (2013), entre outros, desenvolvem uma Pedagogia-em-Participação, em que a escuta, a negociação e co-construção são centrais. O educador assume o papel de profissional que cria condições, observa, interpreta, documenta e reorganiza a ação pedagógica em diálogo com as crianças. Também Malaguzzi (1998) inspira esta visão ao destacar as múltiplas linguagens das crianças e a importância de ambientes ricos e desafiantes que convidem à exploração e à criação.



CONCEITO-CHAVE

Participação pedagógica

Uma pedagogia participativa não elimina o papel do educador. Transforma-o: de organizador exclusivo da experiência para profissional que cria condições, escuta, interpreta, documenta e reorganiza a ação pedagógica em diálogo com as crianças.

“A participação torna-se principio educativo quando as crianças são reconhecidas como autoras das experiências pedagógicas.”

(OLIVEIRA-FORMOSINHO & FORMOSINHO, 2013)



PARA PENSAR

Se as crianças são participantes da ação pedagógica, que partes de um projeto educativo podem permanecer abertas às suas iniciativas?

PARTE I PENSAR

Ações
implicam
processos
de escuta.

A participação das crianças nas práticas educativas é um direito e também uma condição para reconhecê-las como sujeitos sociais. Escutar, dialogar e considerar as suas perspectivas significa abrir espaço para que as crianças influenciem decisões, expressem as suas ideias, negociem significados e co-construam experiências com os adultos e com outras crianças.



Que vozes
das crianças
queremos escutar
neste projeto?



Como as crianças
podem influenciar
decisões e percursos
do projeto?



Que relações
entre crianças,
adultos e contextos
desejamos construir?

2.

A criança na Sociologia da Infância

A criança como ator social

A Sociologia da Infância contribuiu de forma decisiva para reconhecer as crianças como atores sociais, com direitos, competências e capacidades de participar ativamente na vida social (Qvortrup, 2010). Esta perspectiva desloca o olhar da criança como destinatária da ação dos adultos para a criança como sujeito que interpreta, recria e produz significados sobre o mundo que habita (Pechtelidis, 2021).

As crianças não apenas recebem a cultura adulta; elas constroem culturas próprias nas relações com outras crianças, com os adultos e com os contextos em que vivem (Corsaro, 2005; Sarmiento, 2004). Com as suas ações, ideias e expressões, influenciam decisões, negociam sentidos e participam na produção das realidades educativas, sociais e culturais.

Reconhecer a criança como ator social implica considerar a sua participação efetiva nas práticas educativas, garantindo condições para que as suas vozes sejam escutadas, valorizadas e incorporadas nos processos de decisão, e não apenas consultadas de forma simbólica (James & Prout, 1990; Clark & Moss, 2011).



CONCEITO-CHAVE

Criança como ator social

As crianças interpretam, participam e produzem significados nos contextos em que vivem (Pechtelidis, 2021).

Infância como categoria social

A infância é uma construção social, histórica, cultural e geracional (Qvortrup, 2010).

Culturas infantis

As crianças produzem formas próprias de estar, relacionar-se e significar o mundo nas interações com os pares e com os adultos (Sarmiento, 2004).

“

As crianças não são apenas o que virão a ser. São, já, membros de pleno direito da sociedade, com capacidades de ação, interpretação e produção cultural.

”

A young girl with curly hair, wearing a yellow t-shirt and a yellow baseball cap, is looking through black binoculars. She is standing in a garden with a tree and a stone wall in the background. A white sign with red text is overlaid on the top left of the image.

PARTE I

PENSAR

As crianças
também
pesquisam,
criam e
comunicam.

Pensar com as crianças é reconhecer a sua capacidade de observar, investigar, inventar e comunicar sobre o mundo. As suas ideias, perguntas, hipóteses e produções expressivas constituem formas legítimas de conhecimento, que desafiam e enriquecem as formas tradicionais de pensar a educação, o património e a sociedade.

3.

A criança como investigadora competente

Curiosidade, perguntas e construção de conhecimento

As crianças não são apenas recetoras de informação, mas verdadeiras investigadoras competentes, que observam, levantam perguntas, testam hipóteses e constroem explicações sobre o mundo que as rodeia. A curiosidade é uma característica central da infância e orienta a sua relação com os objetos, os espaços, as pessoas e os acontecimentos, levando-as a procurar compreender, experimentar e dar sentido às experiências que vivem.

Diversos autores sublinham a importância de reconhecer as crianças como produtoras de conhecimento. Fler (2021) destaca que as crianças investigam ativamente os fenómenos do mundo através da observação, da manipulação e da simbolização, mobilizando múltiplas linguagens. Clark (2017) evidencia que as crianças utilizam estratégias de investigação próprias, que combinam imaginação, jogo e análise do ambiente. Também Rinaldi (2006) aponta que as crianças possuem "cem linguagens" para explorar e interpretar a realidade, construindo teorias próprias sobre os fenómenos que observam.

Considerar as crianças como investigadoras implica criar contextos educativos que valorizem as suas perguntas, incentivem a exploração e ofereçam tempo e espaço para que possam experimentar, errar, reformular hipóteses e partilhar as suas descobertas com os outros.



CONCEITOS-CHAVE

Criança como investigadora competente

As crianças observam, levantam perguntas, testam hipóteses e constroem explicações sobre o mundo. (Fler, 2021)

Curiosidade infantil

A curiosidade orienta a exploração e a aprendizagem das crianças, levando-as a investigar, experimentar e dar sentido às suas experiências. (Clark, 2017)

Múltiplas linguagens

As crianças utilizam diferentes linguagens para explorar, interpretar e produzir conhecimento. (Rinaldi, 2006)

“

As crianças têm teorias próprias sobre o mundo, que constroem a partir daquilo que observam, exploram e vivenciam.

(Clark, 2017)

”

PARTE I

PENSAR

Participar
é criar juntos
outras formas
de conhecer
o mundo.

Reconhecer as crianças como atores sociais e como investigadoras competentes implica construir formas de trabalhar que lhes permitam participar de facto nos projetos educativos. As metodologias participativas são caminhos para observar, escutar, dialogar e criar com as crianças, valorizando as suas ideias, perguntas, interpretações e modos próprios de expressão.

Metodologias participativas com crianças na Educação de Infância



Observação



Conversação
e escuta



Desenho
e representação



Brincadeira



Fotografia
e video



Corpo
e movimento

4.

Participação e metodologias participativas

Da escuta à construção conjunta de significados

As metodologias participativas partem da ideia de que as crianças podem e devem participar ativamente na vida educativa, não apenas como destinatárias, mas como coautoras dos processos. Isto implica criar condições para que possam observar, perguntar, expressar, explorar, interpretar e dar sentido às suas experiências, utilizando diferentes linguagens.

Nenhuma técnica é participativa por si só. Uma atividade torna-se participativa quando reconhece o lugar das crianças, lhes oferece tempo e espaço para se expressarem e quando as suas contribuições influenciam realmente o processo educativo.



POLIFONIA

Refere-se à construção de sentidos em diálogo, valorizando a diversidade de vozes e perspectivas que emergem nas interações entre crianças e adultos. Implica reconhecer e colocar em relação diferentes interpretações, sem reduzir a participação das crianças à resposta ao que é formulado pelo adulto.

(Brito, 2024)



AUTORIA SOCIAL INFANTIL

Refere-se ao reconhecimento das crianças como produtoras de compreensões originais sobre o mundo, cujas ideias, interpretações e ações podem participar na construção e transformação do processo educativo.

(Brito, 2026)



IDEIAS-CHAVE

Participação não é apenas estar presente, mas também ter influência no que se faz e decide (Clark & Moss, 2011).

A escuta é um ato pedagógico e ético (Oliveira-Formosinho, 2013).

As crianças comunicam através de múltiplas linguagens, que devem ser reconhecidas e valorizadas (Edwards, 2012).

“Escutar verdadeiramente as crianças significa dar-lhes tempo, levar a sério o que dizem e permitir que as suas ideias tenham consequências.

(Oliveira-Formosinho, 2013)

PARTE II

COMPREENDER

5. O que é a Fabulação Infantil?

Da experiência vivida à construção de mundos possíveis

A Fabulação Infantil é uma metodologia participativa que cria condições para que as crianças construam interpretações, hipóteses e narrativas a partir das suas experiências com o mundo. Parte da aquilo que as crianças observam, sentem, perguntam e descobrem, mas não se limita ao real: abre espaço para imaginar possibilidades, relacionar elementos, inventar acontecimentos e produzir sentidos próprios.

Na Educação de Infância, fabular não significa simplesmente “inventar uma história”. Significa reconhecer a imaginação como uma forma de interpretar, conhecer e ressignificar a experiência. As crianças mobilizam palavras, gestos, desenhos, brincadeiras, imagens e outras linguagens para colocar as suas ideias em relação com as ideias dos pares.

As crianças transformam o que vivem em novas possibilidades de pensar e criar.

6. Princípios da Fabulação Infantil



EXPERIÊNCIA

A fabulação nasce do encontro da criança com espaços, objetos, acontecimentos, imagens, sons e pessoas.



PARTICIPAÇÃO

As crianças não recebem uma narrativa pronta: as suas perguntas, hipóteses e propostas interferem naquilo que será construído.



POLIFONIA

As diferentes vozes entram em relação. O adulto escuta, provoca e devolve questões, sem determinar a direção: adapta-se ao sentido da narrativa. (Brito, 2024)



AUTORIA SOCIAL INFANTIL

As interpretações produzidas pelas crianças são reconhecidas como compreensões próprias e relevantes para a construção coletiva. (Brito, 2026)

“

Fabular é transformar aquilo que se vive em matéria para pensar, imaginar e criar com os outros.

”

7.

A arquitetura metodológica da Fabulação Infantil

Uma viagem entre o real e o possível

A Fabulação Infantil organiza-se em cinco momentos que se articulam e se alimentam mutuamente. Esta sequência ajuda a compreender o movimento da metodologia, mas não constitui uma sequência rígida. Na prática, as crianças podem voltar ao real enquanto imaginam, desenhar para pensar, ou transformar a narrativa durante a partilha.

1

EXPERIMENTAR

Partir do real

- Observar
- Tocar
- Percorrer
- Escutar
- Descobrir



O que encontramos?

2

IMAGINAR

Abrir possibilidades

- Perguntar
- Supor
- Associar
- Transformar



O que poderia ser?

3

FABULAR

Construir com os outros

- Propor
- Acrescentar
- Discordar
- Negociar
- Narrar



E se acontecesse...?

4

EXPRESSAR

Dar forma às ideias

- Falar
- Desenhar
- Representar
- Brincar
- Criar



Como podemos mostrar o que imaginamos?

5

PARTILHAR

Colocar as crianças em relação

- Contar
- Mostrar
- Escutar
- Reconhecer
- Devolver



O que construímos juntos?



Metodologia sem Receita

Os cinco momentos ajudam a compreender a arquitetura da metodologia, mas não constituem uma sequência rígida. As crianças podem experimentar e imediatamente regressar ao real enquanto fabulam; desenhar para pensar; ou transformar a narrativa durante a partilha.

O MOVIMENTO DA FABULAÇÃO

experiência → possibilidade → construção colectiva → expressão → circulação

Na página seguinte, vemos a Fabulação Infantil em ação.

PARTE III FAZER

Criar condições
para fabular

Fabular não exige conduzir a imaginação das crianças, mas criar condições para que ela possa emergir.



ESPAÇOS

para explorar



MATERIAIS

para descobrir



TEMPOS

para experimentar



LINGUAGENS

para criar



Preparar possibilidades, não respostas.

PARTE IV MEDIAR

O papel do adulto
na Fabulação Infantil



ESCUTAR

o que emerge



PROVOCAR

novas possibilidades.



*A criança não fabula sozinha.
O adulto não fabula pela criança.
A fabulação constrói-se
na relação.*



DEVOLVER

as ideias ao grupo.



DOCUMENTAR

o percurso construído.



Mediar é acompanhar sem determinar.

PARTE V REFLETIR

O que a
Fabulação Infantil
nos possibilita?



POSSIBILITA PENSAR

Transforma experiências
em perguntas, ideias
e novas conexões.



FORTALECE A PARTICIPAÇÃO

As crianças fazem parte
do processo, influenciando
e construindo propostas.



AMPLIA REPERTÓRIOS

Mobiliza diferentes
linguagens, conhecimentos
e formas de expressão.



CONTRIBUI PARA PERTENCER

Aproxima as crianças
do patrimônio, do lugar
e das outras pessoas.

Quando as crianças fabulam,
mostram-nos outras formas
de ver, sentir e imaginar
o mundo.





Questões para a prática na Educação de Infância



Que espaços do cotidiano podem ser explorados com as crianças?



Que materiais podem abrir novas possibilidades de criação?



Como podemos escutar e valorizar as ideias das crianças?



De que formas a fabulação pode integrar o projeto pedagógico da nossa instituição?





Um convite à Escuta e à Ação

Desenvolver projetos **educativos** com crianças implica uma atitude de **reflexão contínua** por parte dos educadores e investigadores. Significa questionar as nossas intenções, escutar verdadeiramente o que as crianças dizem, fazem, sentem e imaginam, e estar disponíveis para aprender com elas ao longo de todo o processo. Esta postura ajuda-nos a evitar respostas prontas, a valorizar o inesperado e a reconhecer as crianças como autoras sociais, críticas e competentes, integrando as suas perspetivas no planeamento, na implementação e na avaliação dos projetos.

As **metodologias e ferramentas participativas** não são receitas fixas, mas possibilidades que se adaptam a cada contexto, cultura e grupo de crianças. Quando bem escolhidas e mediadas, permitem criar experiências significativas, lúdicas e inclusivas, que respeitam as linguagens infantis e ampliam a participação, a criatividade e a aprendizagem. Este livro é um convite para que educadores/as, famílias, estudantes e outros profissionais da educação continuem a criar projetos educativos com e para as crianças, acreditando no seu potencial para imaginar, transformar e construir outros mundos — hoje e no futuro.

REFERÊNCIAS



Brito, D. (2024). Sociologia da Infância e o direito de voz das crianças: reflexões sobre o conceito de Polifonia. *Sociedad e Infancias*, 8(2), 263–273.

Brito, D. (2026). Culturas infantis e práticas artísticas: Crianças enquanto autoras sociais, críticas e competentes. *Sociedad e Infancias*, 10(1), 135–150.

Clark, A., & Moss, P. (2011). *Listening to young children: The Mosaic approach* (2nd ed.). National Children's Bureau.

Christensen, P., & James, A. (Eds.). (2008). *Research with children: Perspectives and practices* (2nd ed.). Routledge.

Corsaro, W. A. (2005). Collective action and agency in young children's peer cultures. In J. Qvortrup (Ed.), *Studies in modern childhood: Society, agency, culture* (pp. 231–247). Palgrave Macmillan.

Edwards, C., Gandini, L., & Forman, G. (Eds.). (2012). *The hundred languages of children: The Reggio Emilia experience in transformation* (3rd ed.). Praeger.



- James, A., & Prout, A. (Eds.). (1990). *Constructing and reconstructing childhood: Contemporary issues in the sociological study of childhood*. Falmer Press.
- Malaguzzi, L. (1998). History, ideas and basic philosophy. In C. P. Edwards, L. Gandini, & G. E. Forman (Eds.), *The hundred languages of children: The Reggio Emilia approach—advanced reflections* (2nd ed., pp. 49–97). Ablex Publishing Corporation.
- Oliveira-Formosinho, J., & Formosinho, J. (2013). A perspectiva educativa da Associação Criança: A Pedagogia-em-Participação. In J. Oliveira-Formosinho (Ed.), *Modelos curriculares para a educação de infância: Construindo uma práxis de participação* (4.^a ed., pp. 25–60). Porto Editora.
- Pechtelidis, Y. (2021). A criança como ator social. In C. Tomás, G. Trevisan, M. J. L. Carvalho, & N. Fernandes (Eds.), *Conceitos-chave em Sociologia da Infância: Perspetivas globais* (pp. 51–58). UMinho Editora.
- Qvortrup, J. (2010). A infância enquanto categoria estrutural. *Educação e Pesquisa*, 36(2), 631–644. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000200014>
- Rinaldi, C. (2006). *In dialogue with Reggio Emilia: Listening, researching and learning*. Psychology Press.



Projetar
com crianças
é deixar espaço
para que algo
aconteça que
o adulto não poderia
ter imaginado
sozinho.

Este livro apresenta a Fabulação Infantil como uma metodologia participativa para a concepção, gestão e avaliação de projetos educativos com crianças dos 3 aos 5 anos. A partir da experiência do projeto Património Vivo para a Infância, desenvolvido nas Termas Romanas de Braga, articula fundamentos da Pedagogia da Infância, da Sociologia da Infância e das metodologias participativas com uma proposta metodológica concreta, ilustrada com situações reais, registros e produções das crianças.

Mais do que um guia de atividades, é um livro pedagógico para pensar, planejar e desenvolver projetos educativos com crianças, reconhecendo a sua participação, as suas interpretações e a sua capacidade de produzir significados sobre o mundo.



Explorar,
imaginar,
fabular,
expressar,
partilhar.

“ Que história poderá nascer
da próxima experiência? ”